

Boa Nova para cada dia / novembro 2016

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Comum – Todos os Santos / Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos / Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

Ter, 1 – TODOS OS SANTOS (Solenidade)

Ap 7, 2-4.9-14 / Slm 23 (24), 1-6 / 1 Jo 3, 1-3 / Mt 5, 1-12a

São Paulo começa muitas das suas cartas com uma saudação que nos pode parecer curiosa. Por exemplo: «A todos os santos que vivem na cidade de Filipos...» (Fil 1, 1). Ou então: «Aos santos e fiéis em Cristo Jesus que estão em Éfeso» (Ef 1, 1). Ou: «Aos irmãos em Cristo, santos e fiéis, que vivem em Colossos...» (Col 1, 2); Ou ainda: «A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos...» (Rm 1, 7).

Hoje a Igreja celebra a solenidade de todos os Santos. Mas quem são, afinal, os santos? São Paulo, nas suas cartas, está a escrever a comunidades cristãs concretas, a homens e mulheres que vivem nas primitivas comunidades cristãs. Pessoas normais, com as suas dificuldades, alegrias e tristezas, que, tal como todos nós, hoje, trabalhavam para se sustentar. Os santos, para São Paulo, são aqueles que seguem Jesus Cristo, são os

discípulos do Senhor: os que já estão na Glória e os que ainda caminham sobre esta terra em direção ao Pai.

A festa que hoje celebramos é sobretudo a festa de todos nós, a festa de todos os que querem seguir o Senhor. É a festa dos cristãos! É a festa em que tomamos consciência de que Deus feito homem nos dá o grande dom da santidade. Esta não é fruto exclusivo do nosso esforço heroico, não é uma coisa reservada a um grupo restrito de homens e mulheres com qualidades muito especiais, mas é dom de Deus. Só Ele é santo! Ele é o Santo! Nós, todos nós, somos chamados a participar da santidade d'Ele. Ser santo é, enfim, ser de Deus. É saber que nas lutas e nos sofrimentos da vida de cada dia Deus está presente. É saber que Ele quer que sejamos felizes já sobre esta terra. Ele quer tanto a nossa felicidade que Se faz um

de nós para nos salvar.

Fazendo-Se um de nós, mostrou-nos o caminho. O Evangelho de hoje é uma espécie de autobiografia de Jesus: mostra-nos como Ele viveu. Poderíamos, então, resumir esta passagem nestas palavras: «Sereis felizes se viverdes assim como Eu vivi». O texto das *bem-aventuranças* indica o caminho de cada homem e de cada mulher, aponta a meta para a qual todos queremos caminhar, a nossa realização e a realização da própria história que se cumpre em Jesus Cristo.

Mas cuidado para não pensar nas *bem-aventuranças* como mais um conjunto de regras para cumprir: antes de mais, estas revelam-nos quem é Jesus Cristo e quem é Deus Pai. Mostram-nos como é a vida nova, a vida no Espírito Santo; mostram-nos o que faz o Amor na nossa vida; mostram-nos ainda o significado da comunidade cristã que é chamada a ser ma-

nifestação de Cristo no mundo. Até o sentido da história é revelado nesta passagem: a realização das *bem-aventuranças*, quando Deus será tudo em todos.

São bem-aventurados os pobres, não porque são pobres, mas porque deles é o reino dos Céus. São bem-aventurados os verdadeiramente pobres em espírito porque percebem que têm de livremente tratar dos irmãos, daqueles que não têm nada. E quando são felizes os pobres? Será esta felicidade o prêmio na vida depois da morte? Não! Felizes já! Felizes agora! Seremos felizes se tomarmos conta uns dos outros, que é o que fazem aqueles que sabem nada ter de seu. Seremos felizes se ajudarmos os que mais precisam. E Cristo não diz: «serão felizes», mas diz: «Felizes os pobres em Espírito, porque deles é o reino dos Céus». Hoje. Aqui e agora, já sobre esta terra e também na vida eterna.

Qua, 2 – COMEMORAÇÃO DE TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS

Job 19, 1.23-27a / Slm 26 (27), 1.4.7-8b.9a.13-14 / 2 Cor 4, 14 – 5, 1 / Mt 11, 25-30
(Primeira Missa)

Escondeste estas verdades aos sábios... (Evang.)

Também podemos ler esta frase desta maneira: «os sábios não conseguem estar abertos a estas verdades porque têm o cérebro – e, o que é pior, a alma – cheia de convencimentos». Jesus disse que quem não fosse como as crianças não podia entrar no reino

dos Céus. As crianças estão abertas ao que se lhes diz. Os sábios só estão abertos ao que encaixa nas suas verdades. O leitor reze para que Cristo lhe conserve uma alma de criança.

Qui, 3 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM

Filip 3, 3-8a / Slm 104 (105), 2-7 / Lc 15, 1-10

Os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus... (Evang.)

Quem é que se aproximava de Jesus? Os que entendiam precisar da salvação. Nós achamos sempre que precisamos de Jesus mas batalhamos com o não nos apetecer fazer as nossas orações, ou com a nossa desorganização, ou com a falta de tempo, ou com o cansaço. O leitor não desista de rezar mas entretanto pode ir fazendo micro-orações (pequeninos telegramas a Jesus) como maneira de não cortar a ligação a Jesus. E persista no esforço de fazer as suas orações.

Sex, 4 – SÃO CARLOS BORROMEU (Memória) / 1ª SEXTA-FEIRA

Filip 3, 17 – 4, 1 / Slm 121 (122), 1-5 / Lc 16, 1-8

Os filhos deste mundo são mais esperto que os filhos da luz... (Evang.)

A Igreja desenvolveu o amor a Deus através da liturgia e da caridade para com grupos de pessoas. As pessoas fora da Igreja têm desenvolvido formas de amor ao próximo e a si mesmas. Mas nós podemos perguntar-nos como podemos amar melhor esta ou aquela pessoa, como é que nos podemos amar melhor a nós próprios. O leitor faz isso, de vez em quando?

Sáb, 5 – SEMANA XXXI DO TEMPO COMUM / 1º SÁBADO

Filip 4, 10-19 / Slm 111 (112), 1-2.5-6.8a.9 / Lc 16, 9-15

... quereis passar por justos aos olhos dos homens. (Evang.)

Que são diferentes dos olhos de Deus. Os olhos dos homens baseiam-se em aparências, no que cheira bem, no que parece inteligente, no que é bonito, nos corpos humanos perfeitos, no que não é piroso, no que não é pimba, no que tem saúde, sobretudo se for saúde mental. Jesus vê os corações e nós

também devíamos ver com um olhar laser. Mas para isso temos que ter um coração de carne. O leitor peça-o.

Dom, 6 – DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM – Ano C

2 Mac 7, 1-2.9-14 / Slm 16 (17), 1.5-6.8b.15 / 2 Tes 2, 16 – 3, 5 / Lc 20, 27-38

Como será a ressurreição? Mais ou menos conscientemente, todos temos uma imagem de como será a Vida eterna. Talvez imaginemos que será muito boa, mas facilmente caímos na armadilha de a imaginar à imagem do que aqui vivemos: como aqui, mas muito melhor. Se calhar, sem que tomemos consciência disso, imaginamos uma versão melhorada de nós mesmos no momento da morte, uma espécie de prolongamento e aperfeiçoamento da vida deste mundo e nada mais.

Os saduceus, que no Evangelho de hoje desafiam o Senhor com uma pergunta que pretende ridicularizar a ressurreição, acreditam que Deus recompensa as nossas boas obras dando-nos uma vida sem dificuldades. Na verdade, a “casta” dos saduceus controlava o Templo e eram muito ricos. Estavam preocupados com esta vida: que não falte nada, que tenham tudo o que é necessário, que as coisas corram bem para eles e para os filhos deles. Nenhuma preocupação com a ressurreição e, por

isso, nas suas escolhas de cada dia não se refletia a atenção com a vida eterna. São Lucas fala ao “pequeno saduceu” que “vive” no nosso coração e faz com que estejamos sempre preocupados com o dia a dia, com o que havemos de comer e vestir. Este “pequeno saduceu” das preocupações quotidianas impede-nos de tomar consciência de que somos peregrinos sobre esta terra, que estamos a caminhar em direção a uma meta. Esta não é o nosso simples “bem-estar”. A meta nunca é uma espécie de condensado melhorado do percurso: é outra coisa, é o ponto de chegada.

A crença na ressurreição por parte do povo hebraico não tem por base um princípio filosófico da imortalidade da alma, mas baseia-se na *experiência* da promessa da presença de Deus. O amor de Deus é eterno e não pode desaparecer, nem sequer diante da morte! O amor de Deus vence a morte! Esta *experiência* desenvolve-se com os profetas e o profeta Ezequiel chega mesmo a afirmar que é

na ressurreição que reconhecemos o Senhor.

Para nós, cristãos, a fé nasce na ressurreição de Cristo e a alegria que daí brota é a força para O seguirmos ao longo de toda a vida. Percebemos que não é absurdo pensar na ressurreição porque sabemos e experimentamos na nossa vida que Cristo está vivo. A resposta de Jesus não podia ser mais clara: Deus «não é um Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos estão vivos».

Qual é o objetivo da nossa vida? Qual é a meta? Encontrar o Amor. Melhor: viver por amor

e no amor. Nós sabemos que *Deus é amor*. Sabemos que esta não é uma simples frase poética, mas diz-nos aquilo que Deus é. Sabemos que todo o verdadeiro amor vem de Deus e nos conduz a Deus. Sabemos que o amor é a participação na vida de Deus e esta é eterna. O amor, quanto mais é amor verdadeiro, mais universal será. É assim o amor de Deus! Assim seremos nós quando chegarmos à meta desta peregrinação e tivermos, finalmente, encontrado o amor em tudo o que somos. Finalmente, reconheceremos à nossa volta só irmãos e irmãs.

Seg, 7 – SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM

Tito 1, 1-9 / Slm 23 (24), 1-4ab.5-6 / Lc 17, 1-6

É inevitável que haja escândalos; mas ai daquele que os provoca. (Evang.)

O problema do escândalo é que demonstra como se peca. É por isso que o escândalo é tão grave. O escândalo destrói a inocência do outro e convida-o a fazer o mesmo e assim por diante. O leitor dá escândalo? O leitor ensina a pecar? Concretamente em quê? Faça um exame de consciência. Por exemplo, ontem. E no dia anterior?

Ter, 8 – SEMANA XXXII DO TEMPO COMUM

Tít 2, 1-8.11-14 / Slm 36 (37), 3-4.18.23.27.29 / Lc 17, 7-10

Dizei: «somos inúteis servos». (Evang.)

Nós somos servos inúteis porque quem nos dá a razão de viver, a verdadeira utilidade, é Deus. Nós vivemos do amor, sem amor enlouquecemos – há tristes experiências que demonstram isso –, o que quer dizer que não podemos viver sem Deus. Logo, se não tivermos relação com o Senhor que devemos servir, mais, de quem

somos filhos, somos inúteis. Sem amor não servimos para nada, seríamos máquinas ou menos que máquinas, porque as máquinas funcionam sem amor. Hoje, o leitor reze por quem lhe dá amor.

Qua, 9 – DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DE LATRÃO (Festa)

Ez 47, 1-2.8-9.12 / Slm 45 (46), 2-3.5-6.8-9 / 1 Cor 3, 9c-11.16-17/ Jo 2, 13-22

Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? (2ª Leit.)

Uma vez, numa reunião, vi duas pessoas muito zangadas uma com a outra sobre a maneira de conduzir a reunião porque ambas tinham rezado ao Espírito Santo. O Espírito Santo traz ao de cima o que temos de melhor em nós, reta intenção, mas não nos dá qualidades que não temos. Não nos dá o dom da infalibilidade. Se ficamos com uma teimosia enraivecida é porque não temos o Espírito Santo, temo-nos a nós próprios em doses muito grandes. Hoje, peçamos-Lhe um coração de carne.

Qui, 10 – SÃO LEÃO MAGNO (Memória)

Fim 7-20 / Slm 145 (146), 7-10 / Lc 17, 20-25

O reino de Deus não vem de maneira visível. (Evang.)

O reino de Deus está no meio de nós. Às vezes, esperamos por ele, imaginamo-lo a vir um dia mas ele já está cá, somos nós que o estamos a construir com as nossas ações santas, porque todos nós temos ações santas. Todos viemos para construir o Reino, à medida das nossas forças. Uns têm ações espetaculares e outros ninguém dá por eles. Mas pouco a pouco construímos o Reino. Dependendo da hora do dia em que o leitor faz esta meditação, veja em que é que hoje ou amanhã pode construir o Reino.

Sex, 11 – SÃO MARTINHO (Memória)

2 Jo, 4-9 / Slm 118 (119), 1-2.10-11.17-18 / Lc 17, 26-37

Quem procurar salvar a vida há de perdê-la. (Evang.)

Quem se agarra primeiramente à vida de todos os dias perde a vida eterna. A luta pela vida eterna é muito compensadora mas é uma luta de prazer adiado; é fazer esforço agora para se ter uma

recompensa um pouco mais tarde. (Não estou a falar de uma recompensa no Céu.). A construção do Reino não se coaduna com o prazer imediato. No entanto, o caminho também tem muitas compensações: do amor vamos tirando mais amor, vamos ficando cada vez mais cheios.

Sáb, 12 – SÃO JOSAFAT (Memória)

3 Jo 5-8 / Slm 111 (112), 1-6 / Lc 18, 1-8

... não temia a Deus nem respeitava os homens. (Evang.)

Normalmente, respeitamos os «homens» mas há sempre afinações a fazer. Às vezes, com as crianças temos menos cuidado, pecamos por defeito ou por excesso. E com os adultos? Ouvimos só com um ouvido, interrompemos conversas, não fazemos aquele telefonema, não nos pomos na pele do outro, damos uma desculpa esfarrapada num enterro, colamo-nos às pessoas de sucesso, não ligando às pessoas mais apagadas. Há um sem número de coisas que podem ser afinadas. O leitor é que sabe. Hoje, reze sobre isso.

Dom, 13 – DOMINGO XXXIII DO TEMPO COMUM – ANO C

Mal 3, 19-20a / Slm 97 (98), 5-9 / 2 Tes 3, 7-12 / Lc 21, 5-19

O texto do Evangelho de hoje é chamado «grande apocalipse» de Lucas. Vem na sequência do «pequeno apocalipse» dos capítulos 17 e 18. Mas o que é um «apocalipse»? Antes de mais, esta palavra não significa uma tragédia ou uma catástrofe, mas simplesmente «revelação» de uma coisa desconhecida. É também um estilo literário que encontramos na Bíblia e que deve ser lido de forma mais poética e não pode ser ingenuamente

levado à letra. As palavras de Jesus *revelam-nos* alguma coisa de muito importante e profundo para a nossa vida. Não devemos procurar um significado estranho, mas acolher a *revelação* do Senhor que «*retira o véu*» do medo e da desconfiança que nos impede de ver o mundo como Ele o vê, para assim podermos esperar o *juízo* definitivo de Deus sobre o mundo.

O objetivo dos evangelistas é mostrar-nos que estamos a

caminhar para o «fim», mas no sentido de «finalidade», de «meta». Estamos a peregrinar em direção ao cumprimento definitivo de toda a criação. Lucas, usando a linguagem apocalíptica, cheia de imagens fortes que, num primeiro momento, até nos podem assustar, quer que percebamos que com Cristo nasceu um mundo novo. Quer que olhemos para a nossa vida a partir da meta para a qual estamos a caminhar, o abraço definitivo do Pai. É a partir desta certeza que depois tomamos as decisões de cada dia.

O Juízo de Deus sobre o mundo é a sua Cruz. É essa a *revelação*! O Senhor não veio para satisfazer as nossas curiosidades sobre o futuro. Veio para nos dizer que é o Pai o início e o fim do mundo. É Ele o princípio e a finalidade de tudo o que somos. É Ele a meta da existência. Jesus chama-nos a viver o presente, o dia de hoje a partir desta certeza. É a vida de Jesus que *revela* o sentido da nossa vida. Jesus, o Rei coroado com a coroa do serviço, julga-nos do alto do seu trono, a cruz, e o seu juízo é o perdão.

A nossa curiosidade leva-nos

a perguntar quando e como será o fim e o Senhor responde com o convite à conversão. Quer que mudemos a nossa mentalidade! No momento em que Lucas escreve o seu Evangelho, anos depois da destruição do Templo de Jerusalém, a comunidade sofre perseguições e é preciso não cair em alarmismos. Sabemos que é preciso atravessar muitas tribulações para entrar no reino dos Céus, mas não porque seja necessário convencer o Senhor que somos bons: é a própria vida que nos apresenta situações difíceis. Nesses momentos somos chamados a testemunhar o Amor de modo especial. Estas coisas dão-se *antes* do fim.

Se é verdade que o universo terá um fim, é também verdade que nós já sabemos que a vitória é da fidelidade de Deus que nunca nos abandona. É a ressurreição de Cristo que nos dá essa certeza. Lucas explica-nos o sentido de esperar o Senhor na nossa vida: caminhar em direção à esperança, à esperança verdadeira que não pode desiludir! Revela-nos que, unidos a Cristo, somos, com Ele, autores da nova criação.

Seg, 14 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 1, 1-4; 2, 1-5a / Slm 1, 1-4.6 / Lc 18, 35-43

Ao ver o sucedido, todo o povo deu louvores a Deus. (Evang.)

Devemos ter sempre Deus em perspetiva para não cairmos na tentação de endeusarmos o padre tal ou a missa tal. Já se sabe que achamos mais agradável a missa com o padre A do que com o padre C, com estes ou aqueles cânticos, mas quando confundimos as missas com as homilias – erro muito corrente – ainda não vivemos o que ela tem de relação íntima com Cristo. Também é bom que, face a uma ópera bonita, um bom livro (etc.), louvemos a Deus pela capacidade do homem para criar. Hoje, o leitor medite sobre estas coisas.

Ter, 15 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 3, 1-6.14-22 / Slm 14 (15), 2-3ab.3cd-4ab.5 / Lc 19, 1-10

O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido. (Evang.)

Todos os dias, a imprensa nos mostra casos de crimes. Até servem para apimentar programas matinais de televisão. E quem de entre nós reza pelos suspeitos? Em Fátima, Nossa Senhora não mandou rezar pelos pecadores? Mas nós rezamos pelos pecadores em abstrato. Quando se trata dos criminosos da imprensa, nem sempre nos lembramos. Como cristãos, temos que procurar o que está «perdido» para o levar a Jesus.

Qua, 16 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 4, 1-11 / Slm 150, 1-6 / Lc 19, 11-28

Porque foste fiel no pouco... (Evang.)

Temos que pôr a render o que temos. Algumas coisas pomos a render naturalmente, o problema está no que não fazemos render. Às vezes, é o nosso corpo que podia render mais se andássemos, se fizéssemos ginástica, etc.; às vezes, era a nossa sensibilidade que ficava mais apurada se, de vez em quando, fizéssemos um exame de consciência; às vezes, pode ser ir ver o significado daquelas palavras que temos preguiça de ir ver. Podemos sempre aperfeiçoar-nos. O leitor peça essa coragem.

Qui, 17 – SANTA ISABEL DA HUNGRIA (Memória)

Ap 5, 1-10 / Slm 149, 1-6.9 / Lc 19, 41-44

Se ao menos hoje conhecesses o que te pode dar a paz! (Evang.)

Caro leitor, pergunte a Deus como é que pode ter paz, ou peça a Deus que lhe dê paz. Se está numa altura calma, peça a Deus que lhe mostre como pode ter paz em alturas difíceis. (Talvez recorrendo a algum amigo, à família, a Nossa Senhora, a tudo isso, ao seu interior mais profundo.) É sempre bom, em alturas de calma, prepararmo-nos – tanto quanto – para alturas mais agitadas.

Sex, 18 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 10, 8-11 / Slm 118 (119), 14.24.72.103.111.131 / Lc 19, 45-48

Como são doces [...] as vossas palavras, mais que o mel para a minha boca. (Salmo)

Uma coisa mais doce que o mel tem que ser comida em muito pouca quantidade de cada vez. Assim é com a palavra de Deus. Quando chegamos a uma parte que nos toca devemos ficar nela até lhe extrairmos o sabor por completo, quer dizer, até esse texto, naquele momento, já não nos dizer mais nada. A palavra de Deus, quando meditada, não é para ser lida muita de cada vez mas saboreada, assimilada e transformada em vida.

Sáb, 19 – SEMANA XXXIII DO TEMPO COMUM

Ap 11, 4-12 / Slm 143 (144), 1-2.9-10 / Lc 20, 27-40

Não é um Deus de mortos mas de vivos. (Evang.)

A nossa vida tem que estar alinhada com a eternidade. Na eternidade, o nosso amor vai crescendo eternamente. Nesta vida também deve ir crescendo, tem que ir crescendo. Hoje proponho ao leitor que escolha uma pessoa de quem gosta muito: a sua mulher, o seu marido, um grande amigo, um membro da sua comunidade, e reze sobre como é que pode amar mais essa pessoa. Pelo menos, um gesto concreto. Se fizer este exercício de vez em quando, vai mantendo alguma frescura no seu amor, escapando à rotina.

Dom, 20 – NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, REI DO UNIVERSO (Solenidade) – Ano C

2 Sam 5, 1-3 / Slm 121 (122), 1-5 / Col 1, 12-20 / Lc 23, 35-43

Completa-se hoje um ciclo do ano litúrgico. É o último domingo deste ano e celebramos a Solenidade de Cristo, Rei do Universo. Mas, o que significa dizer que Cristo é o Rei do Universo? O que tem isso a ver com a nossa vida?

No tempo de Jesus, os israelitas esperavam a vinda de um grande rei, um líder poderoso que os libertasse do poder dos romanos. Esperavam um rei que se sentasse num trono de ouro e que se vestisse com ricos tecidos e pedras preciosas. Esperavam, enfim, um rei potente e forte, enviado por Deus, que governasse toda a terra.

Ao longo da sua vida, Jesus anunciou o reino de Deus e repetia muitas vezes: «O reino de Deus está próximo» (Mt 3, 2); ou então: «chegou a hora, o reino de Deus está próximo» (Mc 1, 15); ou ainda: «o reino de Deus já está no meio de vós» (Lc 17, 21). O anúncio do Reino e o convite à conversão são o centro do anúncio de Jesus Cristo.

Ao celebrarmos a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, a liturgia centra-se na crucifixão de Jesus. Pa-

rece estranho celebrar o nosso Rei com uma passagem da crucifixão mas, na verdade, o texto do Evangelho de hoje apresenta-nos precisamente a *realza* de Jesus que de facto nos salva. É do alto da cruz, o seu verdadeiro trono de rei, que Ele cumpre o juízo de Deus sobre todos nós: perdoa e oferece o seu reino aos malfeitores.

O trono do nosso Rei é o trono da Misericórdia. A sua coroa é a coroa do serviço. Ele é o Rei, sim, mas rei ao modo de Deus: pobre, abandonado, odiado, insultado, rejeitado, que ama os inimigos e dá a sua vida por eles. Abençoa, intercede, resiste ao mal com o amor, tomando sobre Si as nossas fraquezas.

Jesus é testemunha do Amor de Deus Pai ao mundo e abre-nos a porta do Reino, oferecendo-nos a salvação. Esta não é como às vezes pensamos: Jesus chama e oferece o Reino a todos, sem exceção. Aos nossos olhos, que esperam um rei poderoso, um rei que se sente num trono forte e que, com mão firme, castigue os maus e premeie os bons, a salvação que Jesus a todos oferece pa-

rece uma coisa irrelevante, até um falhanço absoluto: Ele é rejeitado pelos líderes religiosos, politicamente é irrelevante e morre sozinho. Mas é esta a vitória decisiva. O nosso maior pecado é querermos salvar-nos a nós mesmos pela força da vontade, é querermos afirmar a nossa força, que somos capazes, que conseguimos resistir e que até merecemos o Céu. Jesus, pelo contrário, deixou que Lhe tirassem a vida por amor e confiança no Pai. Deixando-Se destruir, salvou-nos e abriu-nos as portas do Reino.

A salvação, a entrada no reino dos Céus está na passagem do primeiro ao segundo mal-

feitor: este sabe que as suas ações merecem o castigo, mas confia n'Aquele que lhe oferece a salvação. Esta passagem acontece quando tomamos consciência dos nossos limites e do nosso pecado e nos abrimos a este Rei que triunfa, oferecendo-Se e abandonando-Se. É este o nosso Soberano, o nosso Rei que nos julga do alto do seu trono que é a cruz e o seu juízo é o juízo do perdão, da misericórdia e do amor. De nós espera que cuidemos uns dos outros como Ele cuida de nós: perdoando, perdoando sempre... perdoar aos que nos fazem mal é o sinal de que estamos com o Senhor.

Seg, 21 – APRESENTAÇÃO DE NOSSA SENHORA (Memória)

Ap 14, 1-3.4b-5 / Slm 23 (24), 1-6 / Lc 21, 1-4

... deram do que lhes sobrava. (Evang.)

Nós também damos do que nos sobra. Normalmente, damos do que nos sobra, do pouco ou muito que nos sobra, embora haja casos heroicos, que eu conheço. Pessoas há que me têm perguntado qual deve ser o critério. A minha opinião é que o leitor dê uma percentagem do seu rendimento anual líquido. A uma instituição na qual tenha confiança. Porque não é sobre as horas de oração que Deus lhe vai pedir contas, é sobre isto. Jesus diz que é pelo amor que tivermos uns aos outros que se conhecerá que somos seus discípulos (Jo 13, 35).

Ter, 22 – SANTA CECÍLIA (Memória)

Ap 14, 14-19 / Slm 95 (96), 10-13 / Lc 21, 5-11

Há de erguer-se povo contra povo e reino contra reino. (Evang.)

Temos dentro da nossa Europa pessoas de povos diferentes a maltrataram-nos e é muito fácil perdermos a fraternidade e o amor aos inimigos (o que nunca significa ficarmos impassíveis perante os malefícios que nos são feitos). Mas temos sempre que ser fraternos e que rezar pelos nossos inimigos. Quando, na televisão, vemos um atentado, vemos logo muita gente a rezar pelas vítimas. Cristo manda amar o inimigo, logo, rezar por ele. Talvez não seja politicamente correto. Cristo também não era. Acabou na cruz.

Qua, 23 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM

Ap 15, 1-4 / Slm 97 (98), 1-3ab.7-9 / Lc 21, 12-19

Pela vossa perseverança salvareis as vossas almas. (Evang.)

Há batalhas que duram dezenas de anos, mas se nunca perdermos de vista o nosso objetivo acabamos por sair vitoriosos. Há pessoas que encontram em Nossa Senhora uma grande ajuda. O leitor tem que encontrar o seu caminho. Tem que manter os seus objetivos, perseverar no meio dos altos e baixos, mesmo que durante anos sejam muitos mais os baixos do que os altos, no meio da eventual descrença das outras pessoas e nunca se deixando desesperar. Experimente rezar a Nossa Senhora.

Qui, 24 – SS. ANDRÉ DUNG-LAC E CC. (Memória)

Ap 18, 1-2.21-23; 19, 1-3.9a / Slm 99 (100), 2-5 / Lc 21, 20-28

Erguei-vos e levantai a cabeça porque a vossa libertação está próxima. (Refrão do aleluia)

A libertação, a graça de Deus, torna-nos alegres e unificados por dentro. Mesmo as contrariedades da vida são mais fáceis de suportar se estivermos na graça de Deus. O pecado acaba por nos tornar inquietos. Se bem que numa primeira fase possa ser muito atraente, depois corrói-nos como o ácido. Mas, atenção, erguemos a cabeça para lavarmos os pés uns aos outros, porque a nossa glória está em servir, a nossa desgraça em nos fazermos cortejar. O leitor serve ou trabalha para se fazer cortejar?

Sex, 25 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM

Ap 20, 1-4.11 – 21, 2 / Slm 83 (84), 3-6a.8 / Lc 21, 29-33

Felizes os que em Vós encontram a sua força. (Salmo)

A força de Deus quase nunca vem como um trovão dentro de nós. A força de Deus não se faz anunciar, não toca trombetas, invade-nos sem nós darmos por isso, às vezes só depois de demonstrarmos a nossa fidelidade e, ao mesmo tempo, termos já uma pontinha de ceticismo quanto à ajuda de Deus. Mas Deus vem. O leitor peça o dom da esperança.

Sáb, 26 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM

Ap 22, 1-7 / Slm 94 (95), 1-2.4-7 / Lc 21, 34-36

Não suceda que os vossos corações se tornem pesados com (...) as preocupações da vida. (Evang.)

As preocupações da vida são inevitáveis mas devem levar-nos para o Pai e não fechar o nosso coração. Uma pessoa muito preocupada tende a fechar-se em si própria. É contra isto que Jesus nos adverte. Hoje, o leitor peça a graça de ter este movimento automático: nas preocupações, entregar-se nos braços do Pai. (Ou de Jesus, ou do Espírito Santo, ou de Nossa Senhora.)

Dom, 27 – DOMINGO I DO ADVENTO – Ano A

Is 2, 1-5 / Slm 121 (122), 1-2.4-9 / Rom 13, 11-14 / Mt 24, 37-44

Na sequência do domingo passado, iniciamos agora um novo ano litúrgico, e o novo ano começa com a preparação para acolher o Senhor que vem ao nosso encontro. Damos início ao tempo litúrgico do Advento. Somos convidados, ao longo das próximas semanas, a preparar o nosso coração para receber Deus feito homem. Este acontecimento é tão importan-

te que, ano após ano, temos sempre necessidade de nos prepararmos para O receber. Que tragédia seria para a nossa vida se a vinda do Senhor deixasse de nos surpreender: Deus, o Criador do céu e da terra, o Princípio e o Fim, o Omnipotente faz-Se um de nós! É por isso que a Igreja propõe, no início de cada ano litúrgico, um tempo para que nos prepare-

mos para receber o Senhor que vem. Esta é uma certeza inabalável da nossa fé: o Senhor é Aquele que está a vir!

No Evangelho de hoje vemos como Jesus responde aos discípulos que querem saber quando e como será o fim do mundo, a vinda definitiva. Claro que o Senhor não veio para alimentar a nossa curiosidade e por isso a resposta que Ele nos dá só pode ser lida no contexto daquilo que Ele nos veio anunciar: que o Reino está próximo, que Deus é Pai e é Amor, que o seu juízo é aquele da misericórdia.

A linguagem que São Mateus aqui utiliza, no género apocalíptico, pode levar-nos a interpretações catastróficas ou a estranhas previsões do «fim do mundo». Quando assim fazemos significa que não compreendemos o género literário aqui utilizado. Seria um erro separar esta passagem de tudo aquilo que o Senhor nos revelou sobre o Pai.

O texto de hoje, sendo Evangelho, é «boa notícia», anúncio de alegria e de esperança. Quando vem o Senhor? Hoje! Para Deus não existe senão o hoje!

São Paulo, na segunda leitura, sublinha isso dizendo: «*chegou a hora de nos levantarmos do sono*». É esta a hora do Senhor. Quando vem Ele? Sempre! Está sempre a vir ao nosso encontro no nosso quotidiano. É por isso que Mateus refere que dois homens estarão no campo, duas mulheres estarão a moer, isto é: estão no trabalho quotidiano. É no quotidiano que o Senhor vem ao nosso encontro.

Jesus não faz nenhuma previsão sobre o futuro, mas manda-nos ler o presente à luz da sua história: n'Ele tudo está cumprido. Assim percebemos melhor a importância do pedido que Ele nos faz de «vigiar e orar». Só «vigiando e orando» não nos passará despercebida, entre os tantos afazeres do dia a dia, a vinda do Senhor. Em Cristo temos a possibilidade de uma vida plena; n'Ele podemos ser parte do juízo de Deus sobre o mundo, reconhecendo-O presente naqueles que estão ao nosso lado. Recordemos sempre que o juízo do Senhor não é uma espécie de ajuste de contas final, mas é juízo salvífico do perdão. Hoje.

Seg, 28 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 2, 1-5 / Slm 121 (122), 1-9 / Mt 8, 5-11

Haja paz dentro dos teus muros, tranquilidade em teus palácios. (Salmo)

Hoje, peçamos a Deus que nos ensine a construir a paz dentro de nós e à nossa volta. A construir, a manter, a não desfazer. As nossas palavras, o nosso olhar, o nosso sorriso podem construir, manter ou desfazer a paz. Temos que pedir a Deus que nos ilumine e nos ajude a pôr os meios próprios para sermos pacificadores e portadores de tranquilidade. Se o amor for o centro da nossa vida, será o Amor, será Deus que transmitiremos. Rezemos muito por isso.

Ter, 29 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 11, 1-10 / Slm 71 (72), 2.7-8.12-13.17 / Lc 10, 21-24

Terá compaixão dos fracos e dos pobres e defenderá a vida dos oprimidos. (Salmo)

E nós também. Mas reparemos que Deus nunca nos diz para termos compaixão dos pobres e oprimidos atacando outros. (No entanto, devemos denunciar as injustiças.) O nosso carinho pelos pobres, a nossa defesa dos oprimidos, o nosso trabalho com os desfavorecidos não é um ataque a ninguém. É o fruto da ação do amor de Deus em nós. É o fruto da nossa oração. Da nossa oração de hoje. Eventualmente, se quiser...

Qua, 30 – SANTO ANDRÉ, APÓSTOLO (Festa)

Rom 10, 9-18 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Mt 4, 18-22

... deixando o barco e o pai, seguiram-No. (Evang.)

Sabemos que depois os discípulos voltaram a pescar. Mesmo durante a vida pública de Jesus. Às vezes, pensa-se que Jesus pede coisas muito difíceis, e que santos são as pessoas que fizeram coisas muito difíceis por Jesus. O que Jesus nos pede é que nos deixemos conduzir por Ele. Às vezes, algumas missões implicam um grande abandono porque parece (a algumas personalidades) que a tarefa é grande demais para os ombros que a vão carregar. Que experiência tem o leitor?